

UM EXEMPLO DE SUPERAÇÃO DO MEDO: A parrhesia do Apóstolo Pedro na tradição Lucas-Atos

Alfredo dos Santos Oliva*

Resumo

Este artigo procura explicar uma transformação do personagem Pedro, que é retratado como um homem medroso no fim do Evangelho de Lucas, mas passa a ser visto como uma pessoa de coragem destemida no início do Livro de Atos. Sigo um caminho para levar a termo essa reflexão exegética e teológica sobre três narrativas acerca da vida de Pedro, que são, respectivamente, Lc 22,31-34, Lc 22,54-62 e At 4,1-31. Começo com uma contextualização dos dois primeiros relatos, para demonstrar que o “autor” do Evangelho de Lucas procura representar a Pedro como alguém acuado pelo medo. Em seguida, me concentro no terceiro relato para refletir sobre sua conjuntura, assim como refletir sobre como um homem que foi descrito como alguém que nega a Jesus passa a ser descrito como um defensor destemido do seu mestre. Nesse ponto, vou começar dialogando com outro “amigo”, o filósofo francês Michel Foucault, que empreendeu uma pesquisa magistral sobre a palavra grega parrhesia, que aparece no Novo Testamento algumas dezenas de vezes, três delas apenas no quarto capítulo de Atos. Finalizo com algumas considerações de cunho utópico.

Palavras-chave: Cristianismo antigo. Novo Testamento. Michel Foucault. Parrhesia. Cuidado de si.

Abstract

This article aims to explain the transformation of the character Peter, who is portrayed as a fearful man at the end of Luke’s Gospel, but is seen as an undaunted courage person at the beginning of the Book of Acts. I follow a path to carry forward this exegetical and theological reflection on three narratives about the life of Peter, which are, respectively, Lk 22.31-34, Luke and Acts 22.54 to 62 and 4.1 to 31. I begin with a contextualization of the first two reports in order to show that the “author” of the Gospel of Luke tries to represent Peter as someone trapped by fear. Then I focus on the third story to reflect

* Doutor em História. Mestre em Teologia e Sociologia. Professor da Universidade Estadual de Londrina.

the situation, how a man who was described as someone who denies Jesus, is now described as a fearless defender of his master. At this point, I will start a dialogue with another “friend”, the French philosopher Michel Foucault, who undertook a research masterpiece on the Greek word parrhesia, which appears in the New Testament a few dozen times, only three of them in the fourth chapter of Acts. I conclude with some considerations of utopian nature.

Keywords: *early Christianity. New Testament. Michel Foucault. Parrhesia.*

Eu tenho muitos medos. Alguns são reais, outros meramente imaginários. Se parasse para pensar nas coisas que poderiam representar uma ameaça real à minha vida ou mesmo ofuscar tudo aquilo que considero uma possível fonte de felicidade e prazer, encontraria uma lista enorme de fatos. Cito apenas alguns por economia de espaço e para poupar a paciência do leitor ou leitora: a violência urbana poderia me causar algum mal ou lesar algumas das pessoas que amo; um sequestro relâmpago, um assalto após a saída de um banco com dinheiro para pagar as contas do mês ou uma inesperada arma na cabeça, para levar meu único meio de transporte; emergência de uma doença crônica grave no meu corpo ou afetando um de meus familiares ou amigas queridas; demissão, com o conseqüente desemprego e a perda dos meios de subsistência pessoal, assim como das pessoas que dependem materialmente de mim; estar envolvido num inesperado acidente que pudesse causar sérios prejuízos financeiros ou morais a mim e a outrem.

É verdade que temos motivos para tantas razões para vivermos atemorizados. Se pararmos para pensar por uns instantes, perceberíamos diversos acontecimentos aterrorizantes a nos intimidar o tempo todo. Poderíamos somar estas ameaças “reais” àquelas que desconhecemos, mas que têm um potencial igualmente destruidor. Por exemplo, um navegador da internet poderia invadir meu computador neste exato momento a fim de roubar meus dados para usá-los em uma fraude, talvez fraudar eletronicamente minha conta bancária e dispor de meus recursos ou ainda utilizar indevidamente meus dados cadastrais para contrair dívidas em meu nome.

Se quisermos olhar as coisas de uma outra forma, também diria que é fato que diariamente driblamos as mais variadas situações adversas, inclusive (acrescentaria!) com muita criatividade. Temos muita imaginação para lidar com problemas familiares ou com colegas de trabalho inconvenientes. Temos ideias brilhantes (ao mesmo tempo muito simples) para compensar uma perda financeira. Uma ocasião, eu esperava a contratação em um novo trabalho que não acontecia no tempo em que esperava. A situação financeira estava chegando ao limite, quando descobri que poderia fazer contato pelas redes sociais da internet para vender exemplares de um livro novo meu que havia acabado de sair da gráfica. Como recebi como pagamento pela escrita uma porcentagem da impressão total dos livros, tinha muitos exemplares à disposição em casa. Talvez jamais tivesse tal iniciativa se a necessidade não tivesse batido à porta. Assim, uma dificuldade pode se tornar também oportunidade

para exercitarmos nossa criatividade, assim como a nossa capacidade de adaptação. Sempre esperamos de uma pessoa madura que ela saiba se adequar e responder corretamente aos desafios que a vida impõe diariamente.

Quando penso na capacidade de adaptação, logo me vem à mente um personagem bíblico de grande destaque. Claro que falo de Pedro, a figura do cristianismo antigo retratada como apóstolo e amigo de Jesus pelos autores dos evangelhos. Seria interessante observar o seu percurso de acordo com a tradição de Lucas, o “autor” do Evangelho que leva o seu nome e também do Livro de Atos. Assim, Lc 22,31-34 e Lc 22,54-62 mostram Pedro, creio eu, com muito medo das pessoas e por isso negando conhecer a Jesus, que havia sido preso há pouco. Suponho que ele estivesse com temor que as autoridades religiosas e políticas de seu tempo pudessem lhe causar algum dano, talvez físico, quiçá moral (quem sabe?). Já o relato de At 4,1-31, que supostamente estaria se referindo a fatos cronologicamente posteriores, mostra Pedro afirmando sua adesão ao “Caminho” diante das autoridades civis e religiosas de seu tempo sem nenhum receio em relação às consequências que poderiam trazer sobre a sua vida. As três narrativas, lidas em conjunto e sequencialmente, nos induzem a pensar que estamos diante de uma bela história de superação do medo. De que maneira o nosso personagem suplantou os seus temores não podemos saber, pois não há relato ou alguma fonte de informação sobre isso, seja ela literária ou documental. A minha proposta, a de leitura conjunta das três narrativas, nos coloca diante de um personagem que assume posicionamentos políticos diferentes. Nas primeiras duas narrativas, vemos o futuro apóstolo com medo e intimidação; na segunda situação, a que é descrita pelo terceiro texto bíblico, um homem com uma coragem destemida.

Este artigo procura detalhar e explicar melhor a presumida transformação acima mencionada na vida de Pedro. Espero que seja óbvio que não quero falar apenas do apóstolo que superou os seus medos. Escrevo para exercitar um pouco a imaginação e pensar como nós também poderíamos superar nossos medos e limites diante das adversidades constantes que se colocam à nossa frente no nosso dia a dia. Prefiro pensar que todos nós temos um potencial para sermos muito corajosos, mesmo em situações que poderíamos considerar terríveis ou intransponíveis.

Vou seguir um caminho para levar a termo essa reflexão exegética e teológica (e também um exercício de imaginação!) sobre as três narrativas acerca da vida de Pedro de acordo com a tradição Lucas-Atos. Começo com uma contextualização dos dois primeiros relatos acima mencionados, para refletir sobre o porquê de o apóstolo ter negado a Jesus, ou, se preferirem, para explicar a razão de o “autor” do Evangelho de Lucas fazer tal afirmação sobre o nosso personagem. Em seguida, vou me concentrar no texto do Livro de Atos para refletir sobre a conjuntura da terceira passagem, assim como elucubrar sobre como um homem que foi descrito como alguém que nega a Jesus passa a ser descrito como um defensor destemido do seu mestre. Nesse ponto, vou começar dialogando com outro “amigo”, o filósofo francês Michel Foucault, que empreendeu uma pesquisa magistral sobre um termo que aparece no Novo Testamento algumas dezenas de vezes, três delas apenas no quarto capítulo de Atos. Finalizo com algumas considerações de cunho utópico.

Vamos começar, então, com uma síntese dos três textos mencionados anteriormente para que os amigos leitores e leitoras possam compreender a análise que pretendo empreender logo depois. Não vou discutir ou investigar a correspondência das afirmações dos textos bíblicos com a “realidade objetiva” ou “extralinguística” por três motivos: em primeiro lugar, me faria gastar muito tempo com questões técnicas e isso tornaria meus argumentos complexos e cansativos; em segundo lugar, desviaria o foco do meu objetivo, que é o de compreender como Pedro é visto ou representado pela tradição Lucas-Atos, e não checar a veracidade ou plausibilidade desta; por fim, não acredito na existência de algo como uma “realidade objetiva” e inquestionável, ou, se preferirem, não pretendo produzir neste texto um conhecimento fundamentado de forma metafísica. Sempre que escrevo, acredito estar no que denomino de campo das “probabilidades” e das “interpretações”.

Outro esclarecimento inicial necessário diz respeito à data de escrita de Lucas e Atos, bem como o autor de cada um dos livros. James M. Robinson¹ não discute a autoria do Livro de Atos, mas chama o seu escritor de Lucas. Isso me permite concluir que ele está seguindo um certo consenso entre os estudiosos e estudiosas do Novo Testamento em considerar Lucas-Atos como produto de uma mesma pena, mesmo que não se possa saber exatamente quem a utilizou. Acrescentaria também que o nome Lucas, usado para se referir ao escritor do evangelho que tem este nome, ou para designar o de Atos dos Apóstolos, é apenas uma convenção e não significa que saibamos exatamente quem é essa pessoa, muito embora a tradição o tenha identificado como um dos primeiros seguidores de Jesus. Antonio Rodriguez Carmona² chama os dois livros de “Obra de Lucas (Lucas-Atos)” e admite que a maioria dos exegetas concorda que se trata de um trabalho de continuidade. Diz também que ambos foram escritos nos anos 80-90, tendo o Evangelho de Lucas sido composto primeiro, vindo em seguida o Livro de Atos. Em sintonia com estas duas afirmações está Monica Selvatici no seu texto sobre “A comunidade histórica primitiva”³, apenas acrescenta que a autoria de Lucas é contestada pela historiografia moderna, embora ela mesma continue a se referir aos escritos de ambos os livros pelo nome de Lucas⁴. Parece-me ser o mesmo caso de Robinson que mencionei anteriormente, o de um uso meramente formal do nome Lucas.

Em suma, diria que Lucas-Atos formam uma unidade, que é conferida pelo fato de ter sido composta por um autor comum, que não podemos precisar quem é, mas que, apenas por convenção, continuo a designá-lo pelo nome de Lucas. Este compos-

1. ROBINSON, J.M. Atos. In: ALTER, R.; KERMODE, F. (Orgs.). *Guia literário da Bíblia*. São Paulo: Unesp, 1997, p. 501-513.

2. CARMONA, A.R. Obra de Lucas (Lucas-Atos). In: MONASTERIO, R.A.; CARMONA, A.R. *Evangelhos sinóticos e Atos dos apóstolos*. São Paulo: Ave Maria, 2000, p. 263-366.

3. SELVATICI, M. A comunidade histórica primitiva. In: CHEVITARESE, A.L. et al. *Jesus de Nazaré: uma outra história*. São Paulo: Annablume, 2006, p. 131-132.

4. SELVATICI, M. Releituras de narrativas da Bíblia nos livros do Novo Testamento: o caso do Evangelho de Mateus e Atos dos Apóstolos. In: OLIVEIRA, J.C.; SELVATICI, M. (Orgs.). *Textos e representações da antiguidade: transmissão e interpretações*. Maringá: Eduem, 2012, p. 41-50.

to literário teria sido escrito nesta ordem, Lucas-Atos, no final do primeiro século da era cristã, mais precisamente nos anos 80-90.

Olhemos, agora, para Lucas 22,31-34 e Lucas 22,54-62, os textos que retratam Pedro como uma pessoa medrosa e acuada. De uma forma ampla, podemos dizer que os capítulos 22, 23 e 24 do Evangelho de Lucas falam dos últimos dias de Jesus. Relatam os seus momentos derradeiros com seus seguidores e seguidoras, assim como o contrato entre Judas e os judeus para entregar o “Filho de Deus” às autoridades romanas. Na sequência, a narrativa nos coloca diante da captura do “Messias” por estes líderes e dos interrogatórios que tem que prestar a romanos e judeus ilustres. Depois, fala da condenação de Cristo e das suas consequentes morte e ressurreição. O evangelho chega ao seu fim com o “Senhor” ascendendo aos céus. Este é o ponto em que o Livro de Atos começa, sendo esta uma das evidências que fazem os estudiosos e estudiosas afirmarem que Lucas e Atos foram uma obra de um mesmo autor, ou, pelo menos, de uma mesma tradição literária. Na pior das hipóteses, ambos os livros teriam algumas coisas em comum.

Atentemos aos detalhes dos textos bíblicos. Vejamos o efeito que produz a leitura dos trechos em sequência. A passagem de Lc 22,31-34 descreve a previsão de Jesus de que o empolgado Pedro iria negá-lo três vezes, antes que o galo cantasse. Já Lc 22,54-62 mostra o apóstolo muito relutante em sua adesão ao “Filho de Deus”. Jesus foi preso e Pedro observava o desenrolar dos fatos à distância, quando “uma criada” perguntou se ele estava com Jesus, ao que respondeu com uma frase seca: “não o conheço, mulher”; passado um pouco de tempo, “um outro” se aproxima e afirma ao nosso personagem “também tu és dos tais” (dos seguidores de Jesus), ao que replica: “homem, não sou”; o texto diz que se passou uma hora e, então, “afirmou ainda outro”, que “certamente, este andava com Ele, porque também é galileu” e mais uma vez a resposta de Pedro foi negativa: “Homem, não sei o que estás dizendo”. Enquanto ainda estava afirmando não conhecer o seu “Senhor”, o galo cantou, fazendo com que se cumprisse o que de antemão previra Jesus.

Em suma, temos um retrato bastante interessante. Começa com um Pedro animado diante de Jesus. A sua agitação toda é contraposta à previsão de que ele logo negaria o seu “Mestre”, assim que as circunstâncias se tornassem constrangedoras. A situação para que o apóstolo demonstrasse a sua adesão incondicional a Jesus apareceu e Pedro negou conhecê-lo em três oportunidades seguidas. Este homem medroso dos últimos capítulos do Evangelho de Lucas contrasta de forma muito interessante com o mesmo personagem dos capítulos iniciais de Atos dos Apóstolos. Como não é possível nesse espaço examinar os detalhes dos primeiros capítulos de Atos, tomo o quarto a título de ilustração. Cabe ressaltar também que, embora o texto fale que Pedro e João estão juntos nas situações descritas, o primeiro é sempre o protagonista. Por isso, foco a atenção e a descrição dos fatos narrados a partir dele. Vejamos esta bela narração!

Passemos, assim, a At 4,1-31 a fim de observar esse contraste no modo como o personagem Pedro é descrito. Os primeiros capítulos de Atos dos Apóstolos são dedicados aos primórdios do cristianismo, dando especial destaque para a vida comuni-

tária e a atuação dos apóstolos. Nesses capítulos iniciais, Pedro é o personagem mais importante de um cristianismo descrito como um fenômeno efervescente. Vemos em sequência, a promessa de Jesus de que o Espírito Santo seria derramado sobre seus seguidores e seguidoras, depois aparece a narrativa do cumprimento do que fora predito pelo “Mestre” sobre a “Terceira Pessoa da Trindade” para, daí em diante, começarem as descrições do modo de vida das primeiras comunidades cristãs, com os apóstolos na liderança e Pedro como principal ator. Somente a partir da metade do Livro de Atos é que Paulo passará a ser o personagem principal.

O que me chama a atenção no texto de At 4,1-31 é o aparecimento de uma expressão grega que é, de uma forma muito sintética e simples, traduzida nas nossas versões atuais da Bíblia por um dos seguintes termos: intrepidez, coragem, confiança, convicção, segurança, firmeza etc. A palavra *parrhesia* aparece três vezes neste quarto capítulo, respectivamente nos versos 13, 29 e 31. O capítulo quatro começa com a prisão de Pedro e João. A explicação de Lucas é a de que eles estavam anunciando a Jesus e provocaram a indignação dos “sacerdotes, o capitão do templo e os saduceus”. Os dois pregadores foram detidos até o dia seguinte, quando, em Jerusalém, se reuniram “as autoridades, os anciãos, os escribas, Anás, que era o sumo sacerdote, Caifás, João, Alexandre e todos que eram da linhagem do sumo sacerdote”, para analisar a situação. Começou, então, o interrogatório das autoridades civis e religiosas com os apóstolos. Pedro assumiu a liderança e passou a responder com entusiasmo sobre sua experiência sobrenatural e sua adesão fervorosa a Jesus. No verso 13 Lucas diz que as próprias autoridades ficaram admiradas com a *parrhesia* de Pedro e João, principalmente porque eram homens “iletrados e indoutos”. Eles foram ameaçados pelos seus inquisidores e orientados a não expressar mais publicamente sua adesão a Jesus e depois foram soltos. Assim que passaram a estar em liberdade, procuraram a comunidade de fiéis e contaram para seus pares o que lhes sucedera. Os demais cristãos se reuniram em oração com os apóstolos e pediam que Deus lhes capacitasse a anunciar a sua palavra com *parrhesia* (v. 29). O resultado da oração foi narrado por Lucas como algo sobrenatural: “tendo eles orado, tremeu o lugar onde estavam reunidos”, “todos ficaram cheios do Espírito Santo” e falavam com *parrhesia* a palavra de Deus (v. 31). Fica a dúvida sobre o que significava esta *parrhesia* que os antigos cristãos buscavam tanto e que foi apresentada por Pedro e João quando confrontados pelas autoridades de seu tempo. Para superar o dilema, há um caminho, o de investigar o significado, o uso do termo e suas derivações.

Começemos, assim, a analisar com mais detalhes o significado desta palavra grega. Strong nos oferece três conjuntos de sentidos para o substantivo *parrhesia*:

- 1) liberdade em falar, franqueza na fala; abertamente, francamente, isto é, sem segredo; sem ambiguidade ou circunlocução; sem o uso de figuras e comparações;
- 2) confiança aberta e destemida, coragem entusiástica, audácia, segurança;
- 3) comportamento pelo qual alguém se faz conspícuo ou assegura publicidade⁵.

5. STRONG, J. Léxico hebraico, aramaico e grego de Strong. In: BIBLIOTECA digital da Bíblia. Barueri: SBB, 2006. 1 CD-ROM.

Há também duas possibilidades de tradução para o verbo procedente da mesma raiz, *parrhesiazomai*: “1) usar a liberdade de falar, falar com franqueza; falar livremente; 2) tornar-se confiante, ter ousadia, mostrar segurança, assumir um comportamento corajoso”⁶. Como se pode ver, começamos a nos aproximar de uma descrição mais precisa do termo que aparece três vezes apenas no quarto capítulo de Atos. Strong fala em confiança aberta e destemida, o que parece caracterizar bem o comportamento de Pedro diante das autoridades.

Rusconi faz algo similar e nos dá as seguintes possibilidades de tradução da nossa palavra, embora seja um pouco mais sintético: “1) Franqueza, liberdade no falar; 2) Coragem, confiança; 3) Abertamente; publicamente; livremente; claramente; com confiança; ser, tornar-se conhecido publicamente; com franqueza, com confiança”⁷. Para o verbo *parrhesiazomai*, Rusconi propõe os seguintes significados: “Exprimir-se, falar, dizer com coragem; falar com franqueza, livremente, abertamente; falar com confiança”⁸.

Para uma compreensão adequada do termo não basta observar diferentes possibilidades de tradução, mas também se deve observar os seus usos. Para isso, vamos recorrer a um estudioso que se dedicou bastante a essa tarefa. O filósofo francês Michel Foucault (1926-1984) empenhou os últimos anos de sua vida no estudo do termo *parrhesia* e suas derivações⁹. Numa série de palestras que ministrou nos Estados Unidos sobre o tema, definiu cronologicamente seu campo de investigação da seguinte forma: “A palavra ‘parrhesia’ aparece a primeira vez na literatura grega em Eurípides [c. 484-407 aC], e perpassa a literatura do antigo mundo grego a partir do século quinto aC. Mas ainda pode ser encontrada nos textos patrísticos que foram escritos no fim do quarto e durante o quinto século dC, dezenas de vezes, por exemplo, em João Crisóstomo [345-407 dC]”¹⁰. Como se pode ver, trata-se de um termo técnico da cultura greco-romana antiga com séculos de usos e significados.

O erudito ainda acrescenta que “há três formas da palavra: a forma de um substantivo, ‘parrhesia’; a forma verbal, ‘parrhesia-zomai; e há também a palavra ‘parrhesiastes’ – que não é muito frequente e não pode ser encontrada nos textos clássicos”¹¹. Assim, temos o substantivo que pode ser traduzido como a “coragem

6. STRONG, in: BIBLIOTECA digital da Bíblia.

7. RUSCONI, C. *Dicionário do grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 360.

8. RUSCONI, *Dicionário do grego do Novo Testamento*, p. 360.

9. Ver em sequência os seus três últimos cursos ministrados, respectivamente, nos anos de 1982, 1983 e 1984: FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*: curso dado no Collège de France (1981-1982). São Paulo: Martins Fontes, 2010; FOUCAULT, M. *O governo de si e dos outros*: curso no Collège de France (1982-1983). São Paulo: Martins Fontes, 2010; FOUCAULT, M. *A coragem da verdade*: curso no Collège de France (1983-1984). São Paulo: Martins Fontes, 2011.

10. FOUCAULT, M. *Discourse and truth: the problematization of parrhesia*. 6 lectures given by Michel Foucault at the University of California at Berkeley, oct-nov. 1983. Disponível em: <<http://foucault.info/documents/parrhesia/>>. Acesso em: 25 out. 2009.

11. FOUCAULT, M. *Discourse and truth: the problematization of parrhesia*.

da verdade”, o verbo que soaria bem como o “ato mediante o qual alguém diz a verdade”, e o adjetivo que designa o “sujeito que pratica a fala franca”. Se quisermos aporuguesar a expressão, poderíamos dizer que este sujeito seria qualificado com o termo *parrhesiasta*. Este é qualificativo que eu gostaria de usar para me referir ao apóstolo Pedro, ao menos na forma como ele é retratado pela tradição Lucas-Atos no quarto capítulo deste último.

A *parrhesia* era uma prática presente no mundo greco-romano desde o século V aC e perdurou até o século V dC. Assim, existia como termo técnico para designar um certo modo de ser por vários séculos antes da narrativa de Atos 4,1-31, e perdeu por tantos outros séculos depois dela. As reflexões de Foucault, que exploraram com profundidade esse longo período, passaram pelo sentido que o termo possuía na literatura neotestamentária. Ele dizia que a *parrhesia* “nesses textos neotestamentários, também é a marca da atitude de quem prega o Evangelho. Nesse momento, a *parresía* é a virtude apostólica por excelência. E aqui encontramos um significado e um uso da palavra bastante próximos do que se conhecia na concepção grega clássica ou helenística”¹². Em outros lugares da mesma obra, Foucault explica que a *parrhesia* na cultura greco-romana não designava apenas a fala franca ou corajosa, mas exigia um certo contexto. O *parrhesiasta* era aquele que corria um certo risco ao se expressar com franqueza diante de um “outro” (assembleia grega, um tirano ou um discípulo de condição social superior). Por isso, para que houvesse a prática da *parrhesia*, era necessário que a pessoa que falava francamente estivesse diante de alguém de *status* superior a ela, o que lhe expunha a certo risco, que poderia ser a perda da sua amizade ou, no limite extremo, colocar em risco a própria vida.

Por ser filósofo, Foucault estava interessado em compreender como a questão da verdade no mundo antigo estava ligada ao campo da ética e não ao da epistemologia, como passará a ser a partir da idade moderna no Ocidente. O estudioso francês se interessava pelas diferentes maneiras como a verdade era construída por distintas pessoas e sociedades, em momentos variados da história. Para um grego antigo, um sujeito estava em sintonia com a verdade quando suas convicções coincidiam com as suas palavras; a verdade só podia ser proferida por um sujeito eticamente qualificado; sua qualificação era construída mediante um longo histórico de pronunciamentos públicos que mostravam a sintonia entre o que dizia e o que pensava em diversas situações cotidianas. Na filosofia ocidental moderna, a verdade deixou de ser uma questão ética e passou a ser um problema do campo do conhecimento; a verdade passou a ser encontrada quando as afirmações feitas por uma pessoa coincidiam com o mundo dos fatos ou acontecimentos. Creio que o acréscimo de exemplos acerca do que estou dizendo poderá deixar o que afirmo muito mais claro.

Um exemplo de prática da *parrhesia* no mundo grego clássico é o do filósofo Sócrates. Ele viveu instando as pessoas a “cuidarem de si” (outra expressão que foi longamente estudada por Foucault) e foi malcompreendido pelas autoridades civis de seu tempo. Embora se dizendo bem-intencionado, foi visto por seus pares como

12. FOUCAULT, M. *A coragem da verdade*, p. 290.

um corruptor da juventude. Acabou por ser chamado a se explicar diante da assembleia ateniense. Sua defesa foi descrita literariamente por seu discípulo Platão na conhecida obra *Apologia de Sócrates*¹³. O filósofo veterano não conseguiu convencer seus pares de suas boas intenções e acabou sendo condenado à morte. Ele poderia ter utilizado alguma estratégia ou manobra política para fugir da condenação ou, pelo menos, receber uma pena mais branda. Mas, se tivesse feito isso, teria deixado de ser Sócrates, tampouco teria morrido como um *parrhesiasta*. Ao contrário, recebeu a morte com braços abertos. O nosso personagem é um exemplo típico de prática da *parrhesia*, pois viveu confrontando pessoas nas ruas e nas assembleias, com uma coragem destemida e assumindo o risco que suas ações poderiam desencadear. O seu fim é bastante caricato, pois não é preciso morrer para ser um *parrhesiasta*, mas este pode ser o destino de todo aquele que fala abertamente o que acredita ser a verdade.

No mundo do Novo Testamento, o exemplo mais evidente é o do próprio Cristo. Como a pessoa de Jesus está coberta de camadas e mais camadas de tradições, basta apenas dizer que Ele é visto pelos autores dos evangelhos como um *parrhesiasta*. Não apenas porque a palavra *parrhesia* aparece algumas vezes para descrever o modo como se pronunciava publicamente ou como se comportava diante das autoridades políticas e religiosas de seu tempo¹⁴, mas também porque sua morte é interpretada como consequência de seus ensinamentos e discursos públicos. É interessante ressaltar que Ele se nega, como Sócrates, a aceitar ou criar qualquer estratégia ou manobra que lhe pudesse livrar da morte. Os evangelhos o descrevem como alguém que passou sob investigação de uma autoridade para outra, sem dizer muita coisa em sua própria defesa. Como poderia ser “Jesus”, se tivesse fugido da morte?

Parece que o que vemos em At 4,1-31 se encaixa bem nas condições descritas por Foucault e que procurei exemplificar acima. Pedro e João são presos por causa do que ensinavam publicamente. Tendo sido levados diante das autoridades, continuam afirmando perante elas o que creem. O que parece irônico na passagem é que a *parrhesia* dos dois apóstolos é declarada pelos seus próprios investigadores. Eles atestam a coragem e a ousadia dos pregadores. Quando se livram das intimidações e castigos, correm para junto da comunidade e passam a orar juntos para que Deus lhes conceda *parrhesia*, pedido que é atendido pelo Espírito Santo de forma sobrenatural e imediata.

Antes de finalizar, gostaria de fazer algumas considerações de cunho utópico. Desejo refletir um pouco sobre as esperanças que os três textos bíblicos, lidos em conjunto, podem suscitar em nós. Se nós lemos algo, aprendemos alguma coisa. Na reflexão com outras pessoas ou solitária, sempre somos transformados. Compreendo a leitura, especialmente a de cunho teológico e filosófico, como uma “técnica de si”, no sentido que Foucault utiliza nos seus últimos escritos. É uma tecnologia através

13. PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

14. Alguns exemplos de uso da palavra *parrhesia* por Jesus ou referindo-se a ele: Mc 8,32; Jo 7,26; 10,24; 18,20.

da qual o sujeito se modifica lenta e persistentemente. Uma história de superação de qualquer situação dramática facilmente se transforma em um belo enredo para nós. Acho que isso acontece porque temos a necessidade de acreditar que as coisas podem ser diferentes do que são. Aí estaria um dos atrativos da literatura bíblica (lida e relida permanentemente por séculos), o de nos colocar diante de narrativas que nos mostram que as coisas não precisam acabar de forma dramática. Se uma pessoa ou personagem chega ao fundo do poço, é para de lá se levantar.

A forma como propus que se lesse a vida de Pedro tem o atrativo de nos inspirar a aceitarmos nossa humanidade e limites. Quando olhamos para um homem, impetuoso e medroso ao mesmo tempo, transformando-se em alguém inflamado e corajoso, disposto a pagar o maior preço para se manter fiel às suas convicções, só podemos nos encher de esperança. Passamos a acreditar que podemos ser transformados também em nossos limites intelectuais, afetivos e espirituais.

A história de Pedro é especialmente inspiradora para mim e, creio, para minhas leitoras, porque fala de uma superação do medo, talvez a patologia dos nossos dias, qualificados como acelerados e tumultuados. Quase todos conhecem os medos que sentem, mas poucos sabem o que fazer com eles.

Comecei este texto afirmando que tenho muitos medos, reais e imaginários. Não afirmei isso como mero recurso retórico, como que para envolver o leitor, mas porque sabia que estava falando de algo que perpassa a vida de muitas pessoas. Gosto do personagem Pedro porque ele me traz coragem para enfrentar meus medos. Quando olho para ele, fico convicto de que não estou sozinho, nem nas fraquezas, tampouco na possibilidade de superação delas!

Bibliografia

CARMONA, A.R. Obra de Lucas (Lucas-Atos). In: MONASTERIO, R.A.; CARMONA, A.R. *Evangelhos sinóticos e Atos dos apóstolos*. São Paulo: Ave Maria, 2000, p. 263-366.

FOUCAULT, M. Discourse and truth: the problematization of parrhesia. 6 lectures given by Michel Foucault at the University of California at Berkeley, oct-nov. 1983. Disponível em: <<http://foucault.info/documents/parrhesia/>>. Acesso em: 25 out. 2009.

_____. *A hermenêutica do sujeito*: curso dado no Collège de France (1981-1982). São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. *O governo de si e dos outros*: curso no Collège de France (1982-1983). São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. *A coragem da verdade*: curso no Collège de France (1983-1984). São Paulo: Martins Fontes, 2011.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

ROBINSON, J.M. Atos. In: ALTER, R.; KERMODE, F. (Orgs.). *Guia literário da Bíblia*. São Paulo: Unesp, 1997, p. 501-513.

RUSCONI, C. *Dicionário do grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2003.

SELVATICI, M. Releituras de narrativas da Bíblia nos livros do Novo Testamento: o caso do Evangelho de Mateus e Atos dos Apóstolos. In: OLIVEIRA, J.C.; SELVATICI, M. (Orgs.). *Textos e representações da antiguidade: transmissão e interpretações*. Maringá: Eduem, 2012, p. 41-50.

_____. A comunidade histórica primitiva. In: CHEVITARESE, A.L.; CORNELLI, G.; SELVATICI, M. *Jesus de Nazaré: uma outra história*. São Paulo: Annablume, 2006, p. 131-132.

STRONG, J. Léxico hebraico, aramaico e grego de Strong. In: BIBLIOTECA digital da Bíblia. Barueri: SBB, 2006. 1 CD-ROM.

Alfredo dos Santos Oliva
Av. Garibaldi Deliberador, 216
Bloco 01, apto. térreo 04
86050-280 Londrina, PR
alfredoliva@uel.br